

# Processos de categorização sobre a pobreza: o que dizem as lideranças de favela

Carolina Jansen Gandara Mendes\*

**Resumo:** Buscamos analisar os processos de categorização sobre a noção de "pobreza" produzidos pelos seguintes agentes: (i) pessoas que viveram a situação de vulnerabilidade e a superaram; e/ou (ii) pessoas que participam de movimentos sociais de combate a à pobreza. Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa a partir de entrevista semiestruturada aplicada entre agosto e setembro de 2022 com lideranças de Organizações Não Governamentais (ONGs) que fazem parte da rede *Gerando Falcões*, um ecossistema de desenvolvimento social. O *corpus* da pesquisa consiste em 12 entrevistas com 13 lideranças de 7 ONGs. O objetivo geral foi analisar como a categorização comportou-se como um recurso discursivo que revelou elaborações discursivas em sua dimensão social e linguística. Os objetivos específicos da pesquisa foram: a) identificar categorizações e categorizações heterodialógicas envolvendo a noção de pobreza; b) discutir os processos de categorização à luz da literatura sociológica e sociolinguística sobre estigma social; c) analisar como os processos de categorização de pobreza evocam a complexa realidade das pessoas que a vivem. Como resultado, identificamos i) sete categorizações realizadas pelas lideranças, que estão articuladas a uma perspectiva multidimensional sobre pobreza; ii) e três categorizações heterodialógicas a partir da percepção das lideranças sobre aqueles que vivem em situação de pobreza, articuladas à noção de que essas pessoas possuem uma visão unidimensional do fenômeno ligada principalmente à fome; essa visão demonstra uma não compreensão ou normalização da gravidade da violação de direitos a qual se encontram submetidas.

**Palavras-chave:** Pobreza; Sociolinguística; Categorização; Categorização heterodialógica.

**Abstract:** We seek to analyze the categorization processes on the notion of "poverty" produced by the following agents: (i) people who have experienced and overcome vulnerability; and/or (ii) people who participate in social movements against poverty. To this end, we conducted a qualitative research based on semi-structured interviews applied between August and September 2022 with leaders of Non-Governmental Organizations (NGOs) that are part of the *Gerando Falcões* network, an ecosystem of social development in Brazil. The research corpus consists of 12 interviews with 13 leaders from 7 NGOs. The general objective was to analyze how categorization behaved as a discursive resource that revealed discursive elaborations in its social and linguistic dimension. The specific objectives were: a) to identify categorizations and heterodialogical categorizations involving the notion of poverty; b) to discuss the categorization processes in the light of the sociological and sociolinguistic literature on social stigma; c) to analyze how the categorization processes of poverty evoke the complex reality of the people who live in it. As a result, we identified i) seven categorizations carried out by the leaders, which are articulated to a multidimensional perspective on poverty; ii) and three heterodialogical categorizations from the leaders' perception of those living in poverty, articulated to the notion that these people have a unidimensional view of the phenomenon, linked mainly to hunger; a view that demonstrates a lack of understanding or normalization of the gravity of the violation of rights to which they are subjected.

**Keywords:** Poverty; Sociolinguistics; Categorization; Heterodialogical categorization.

---

\* Formada em Letras pela Unicamp. Gerente e pesquisadora da Kayma Brasil. Responsável, ao lado da equipe, pela avaliação de impacto do projeto Favela 3D da Gerando Falcões. Este artigo foi orientado pela Professora Doutora Anna Christina Bentes.

## 1. Introdução

O tema da percepção da pobreza é fundamental para compreender os múltiplos impactos (cognitivos, linguísticos, emocionais, econômicos etc.) e os imaginários criados e materializados por meio de discursos e das possibilidades de quebra deste ciclo. Por isso, a relevância de uma avaliação participativa que incorpore e valorize o conhecimento de quem vive o fenômeno da pobreza sob a ótica da sociolinguística (Coupland, 2007). Este campo se baseia "[...] nas atividades de interação e da linguagem em contexto - sempre no horizonte das relações entre língua, cultura e sociedade" (Bentes; Rezende, 2017, p. 259). Assim, partimos da compreensão da forte correlação entre formas linguísticas e significados sociais que indiciam representações e traços identitários (Casimiro, 2020). Em um país tão socialmente desigual como o Brasil, pretendemos contribuir com o combate a estigmas a partir da identificação e problematização dos significados e identidades sociais e imaginários na construção de textos em contextos cuja temática são a pobreza e as pessoas que a vivem. Nesse sentido, consideramos que:

[...] a dimensão linguística é fundamental para a afirmação da dignidade humana, já que esta última se baseia não em uma qualidade inata no ser humano, mas no reconhecimento do direito das pessoas de participarem do discurso de justificação dos estados de coisas que afetam sua vida, quando semelhantes estados dependem da ação humana (como no caso de normas jurídicas ou de decisões políticas, de instituições ou de sistemas econômicos). Esse direito à justificação é central para a formação de respeito de si e dos outros nos indivíduos; portanto é decisivo para a formação da autonomia individual (Rego, 2014, p. 41).

## 2. A pesquisa

Realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo a partir de 12 entrevistas semiestruturadas aplicadas entre agosto e setembro de 2022 via Google Meet, cuja duração média foi de 56 minutos, com 13 lideranças de 7 ONGs que fazem parte da rede Gerando Falcões (GF), um ecossistema de desenvolvimento social com foco no combate à pobreza, presente em 6.400 favelas por meio de 1.280 ONGs. As entrevistas aconteceram no escopo do projeto Favela 3D, liderado pela GF em parceria com a Kayma, organização na qual a autora deste artigo é gerente e pesquisadora. Abaixo, o Quadro 1 que apresenta as organizações entrevistadas.

**Quadro 1 - Relação entre ONG, localização e descrição da ONG**

ONG	Local	Descrição da ONG
ONG 1	Curitiba-PR	Surgiu em 2008 com a missão de transformar a vida de crianças e adolescentes em vulnerabilidade social por meio da arte e da cultura como ferramentas de humanização e desenvolvimento. Em 2021, 118 alunos foram

		atendidos na sede e foram realizados mais de 500 atendimentos psicossociais com as crianças e famílias.
ONG 2	Guarulhos-SP	Atua em rede para proporcionar novas histórias e realidades a crianças entre 5 e 17 anos. Atualmente, 600 crianças são atendidas e mais de 12 mil famílias são diretamente impactadas pelos projetos.
ONG 3	São Paulo-SP	Nasceu em 2013 com o objetivo de democratizar as grandes oportunidades nas favelas e periferias com atividades de comunicação, esporte, cultura, qualificação profissional e geração de renda. Em 2020, foram realizados 9.650 atendimentos em oficinas de cultura e esporte, 586 certificações profissionais, empregadas 71 pessoas e 84.087 pessoas foram apoiadas durante a pandemia de Covid-19.
ONG 4	Nova Iguaçu-RJ	Fundada em 2001 com o propósito de oportunizar um ambiente favorável com recursos e possibilidades de crescimento que torne crianças, adolescentes e suas famílias autossuficientes. Desde a fundação, já impactou mais de 27 mil pessoas.
ONG 5	Fortaleza-CE	Começou em 2018 como um projeto que distribuía refeições a pessoas em situação de rua. Em 2022, mais de 300 famílias foram impactadas com educação, esporte, sustentabilidade, alimentação e tecnologia.
ONG 6	São Paulo-SP	Surgiu em 2014 com o objetivo de promover cidadania e transformação social por meio da educação e empreendedorismo. Oferece 7 oficinas esportivas e culturais e desde a fundação 820 jovens foram qualificados para o mercado de trabalho e 3.960 atendidos nas oficinas culturais e esportivas.
ONG 7	Adustina-BA	Trata-se de um instituto no sertão baiano cujo objetivo é promover às famílias da comunidade educação, arte, cultura, turismo, lazer, formação profissional e empreendedorismo para que seja possível criarem seu próprio sustento com dignidade.

Fonte: autoria própria (2022).

### 3. Objetivos e instrumento

O objetivo geral da pesquisa foi analisar como a categorização, em um contexto de fala, comporta-se como um recurso que revela elaborações discursivas em sua dimensão social e linguística. Os objetivos específicos foram: a) identificar processos de categorização e categorizações heterodialógicas envolvendo a noção de pobreza; b) analisar os processos de categorização à luz da literatura sociológica e sociolinguística sobre estigma social; c) analisar como os processos de categorização sobre a noção de pobreza evocam a complexa realidade das pessoas que vivem nessa situação.

Partimos da abordagem de Avaliação Participativa da Pobreza (Bourdieu, 2008; Narayan, 1999; Rego, 2014; Willems; Swinnens; Maeseneer, 2005) para construir um instrumento cujas perguntas contribuíssem para gerar dados a serem analisados. Em

seguida, as entrevistas foram transcritas seguindo convenções adaptadas do projeto NURC (Norma Urbana Culta)<sup>1</sup>.

#### 4. Perfis dos entrevistados

Para a construção do perfil dos entrevistados, perguntamos se eles viveram uma situação de vulnerabilidade/pobreza durante a vida, se sim, quando e como a superaram, e como se veem hoje em dia em termos de renda e prosperidade.

Dos 13 entrevistados, 05 afirmaram que viveram em algum momento em situação de extrema vulnerabilidade social (EVS), 05 afirmam que viveram em situação de pobreza (P) e 03 consideram que pertencem à classe média (CM). Atualmente, todos os entrevistados reconhecem uma melhora de vida e a ausência de pobreza como característica de suas condições socioeconômicas. Os 13 entrevistados estiveram desde a juventude envolvidos com projetos sociais em contexto de favela e periferia. Recorremos ao próprio enquadramento realizado pelos participantes para separar os grupos EVS e P: a presença da fome em algum momento de suas vidas.

No quadro abaixo, elaboramos a descrição do perfil de cada entrevistado/a com base em uma autodescrição, acompanhada de trechos da fala dos próprios entrevistados sobre suas trajetórias. Para a criação da legenda de cada entrevistado, utilizamos o número da entrevista (de 01 a 13), seguido do gênero (M para mulheres e H para homens), idade e nível de condição socioeconômica no contexto de pobreza (EVS, P e CM). Os relatos dos participantes 12M31CM, 09H22P, 05H43P e 03M40EVS foram enviados por escrito via WhatsApp. Não fizemos correções gramaticais. Os demais foram enviados por áudio e transcritos.

**Quadro 2 - Descrição do perfil dos entrevistados a partir da autodescrição**

ONG	Legenda	Perfil do entrevistado/a	Autodescrição
ONG1	01M30P	Mulher de 30 anos, empreendedora social, crescida em uma região periférica e violenta de Curitiba. Não passou fome, mas viveu em uma situação de pobreza do ponto de vista de acesso a equipamentos e serviços públicos/privados de lazer. Aos 15 anos, criou um projeto social de dança para as crianças da comunidade e em 2021 passou a trabalhar de forma profissional no terceiro setor. Hoje, considera que tem uma vida estável, apesar das dificuldades financeiras.	“(…) eu venho de um contexto de escassez, mas (…) não morava em contexto de ocupação. Nunca me faltou comida, nunca me faltou... né, roupa, moradia, mas me faltou acesso.  Hoje eu sou empreendedora social, tenho uma vida estável, ainda que com algumas dificuldades, mas consigo sobreviver da–do meu trabalho, do meu–da minha missão.”

<sup>1</sup> Mais informações sobre o NURC podem ser acessadas: <https://nurc.fflch.usp.br/o-nurc-brasil-origens>.

	02M25CM	Mulher, 25 anos, viveu parte da vida em um bairro com infraestrutura e depois na periferia de Curitiba. Na infância, os pais tinham empregos com carteira assinada, mas na maior parte da sua vida foram autônomos, o que contribuiu para a instabilidade familiar. Considera-se como classe média.	“[...] eu tive oportunidade de, um tempo, viver num bairro melhor da cidade, mas, por outro lado, também tive—acabei tendo que morar um tempo na periferia. Assim, eu não tive uma vida difícil ou nunca tive uma situação de extrema—de vul—de extrema vulnerabilidade, mas as coisas também não foram fáceis, né. Então acho que eu seria o quê, classe média, aí... infelizmente a coisa é tão desigual que eu seria classe—classe média alta, mas eu me colocaria classe média média.”.
	03M40EVS	Mulher de 40 anos que viveu situação de extrema vulnerabilidade social diante da quebra de vínculo familiar. Foi expulsa de casa e passou a morar na rua e passou fome. Quando adulta, conseguiu se formar e há 8 anos trabalha de forma remunerada no 3º setor.	“[...] não moro nem nunca morei na comunidade, porém tenho 40 anos mas fui mandada embora de casa aos 15 anos, e então morei na rua, morei em abrigos durante 3 anos essa vida instável, passei muita fome, muita violência masculina, mas superei, me formei com muito custo.”.
ONG 2	04H36EVS	Homem de 36 anos que veio do Piauí para São Paulo aos 11 anos. Em um contexto de extrema vulnerabilidade, a família não conseguiu pagar aluguel e viveu anos de favor na casa de pessoas em favela e periferia. Adulto, conseguiu uma bolsa em uma faculdade particular, foi o primeiro da família a graduar-se. Há anos trabalha no 3º setor e hoje considera que vive uma situação financeira estável.	“Então essa escassez, no sentido de não ter condições de comprar uma bolacha, de comprar um suco, né, sempre era daquilo que a f—a família me dava ali naquele momento, e em razão de morar na casa dos outros, né, então era de extrema escassez mesmo Então hoje eu vivo bem melhor quando eu era criança, né. Então tô numa—numa condição muito melhor do que antes.”,
	05H43P	Homem de 43 anos que viveu até os 22 anos em uma favela violenta de Guarulhos, sendo o mais velho de 5 irmãos, com pai metalúrgico e mãe cuidadora de crianças para completar a renda. Hoje, está com trabalho fixo, consegue pagar as contas, mas o orçamento mensal não garante nada além do básico.	“Passei minha adolescência morando na favela do Buraco Quente e favela da Centauro em Bonsucesso [...] sempre gostei de estudar, acredito que os livros e a escola me mantiveram longe da criminalidade. Com 22 anos, saí da favela com muito esforço consegui comprar um terreno.”.
ONG 3	06H29P	Homem de 29 anos, cuja mãe nordestina criou os filhos em São Paulo. Nasceu e cresceu em uma favela. Aos 20 anos, criou uma ONG. Reconhece que foi nesse momento que rompeu com a pobreza. Hoje, tem uma situação financeira melhor que a dos pais, possibilitando novas	“[...] a minha infância, ela não foi de extrema pobreza. Meus pais, bem ou mal, eles tiveram condições de—de me criar bem, né, me dar o mínimo pra—pra superar, né, pra ir pra pobreza ou ir pra situação de prospero. [...] eu rompi a pobreza na minha vida quando eu comecei—quando eu criei a ONG.”.

		experiências, mas ainda não considera ter uma renda confortável.	
ONG 4	07H45EVS	Homem de 45 anos, cujo avô era presidiário e os tios traficantes. Aos 9 meses, seu pai tornou-se parapléxico e a mãe passou a sustentar a família, com faxinas. Morava na região mais vulnerável e violenta de uma favela no Rio de Janeiro, em uma situação de miséria. Seu pai conseguiu uma bolsa em um colégio particular, onde estudou toda a vida, inclusive ensino técnico. Com a nota do ENEM, fez faculdade. Hoje, possui carro e casa próprios e garante aos 3 filhos escola particular, mas com muita dificuldade.	“Eu venho duma família realmente muito pobre, né. A gente morava—era a favela da favela, sabe? [...] era uma miséria, né, uma pobreza, assim, total, sabe. Mas a realidade, hoje, é—é um pouquinho melhor, né, mas sempre com muita dificuldade também, ninguém aqui ficou rico, não, tendeu. Então a gente consegue pagar umas continhas, né, comer um pouco melhor aí, entendeu, eu tenho um carro, né... então isso também traz um pouco de conforto, a minha casa é própria, né, num pago aluguel, então assim, melhora bastante. Hoje, no dia de hoje, né, eu f—eu tô muito feliz.”
ONG 5	08H23P	Homem de 23 anos que cresceu em uma favela de Fortaleza. Aos 6 anos, a mãe tornou-se paraplégica, aumentando a vulnerabilidade da família, que mudou para uma região mais pobre na favela. Antes disso, estudou alguns anos em escola privada, mas todos os outros em escola pública. Considera que faltou recursos em muitos momentos, mas nunca passou fome. Aos 17 anos perdeu o pai e assumiu a posição de sustento da casa. Aos 20, fundou a ONG na favela. Hoje, não mora na favela, mas próximo dela e considera que vive muito bem, possui casa própria, é casado e consegue ajudar financeiramente a mãe.	“Eu sempre digo que a minha infância, eu fui muito—muito privilegiado, porque eu já cheguei a estudar em escola particular, eu tinha—meu pai trabalhava muito—trabalhava, então tinha boas condições. Só que chegou um de—um determinado momento que tudo desmoronou, que foi quando ela [a mãe] adoeceu. Então dos meus 6 anos de idade pra lá, até meus 15, eu fui morar dentro da favela de fato, foi aí que eu tenho todas as minhas memórias afetivas, e eu me lembro que assim, faltava muito das coisas, né. Dentro da favela, foi uma infância que eu tive infância, consegui vivenciar com todos os meus amigos ali, não ter um sofrimento, a não ser ao ponto de tipo, ter um alagamento, a gente perder as coisas, mas assim, “ah, passei fome”, eu não tive. [...] eu perdi meu pai com 17 anos, e aí eu me vejo como aquele cara que vai cuidar da casa, que vai fazer tudo, e eu vou pro mercado de trabalho. Então essas oportunidades me fizeram ser diferente de alguns outros jovens da minha—da minha favela.”
	09H22P	Homem de 22 anos, morador da cidade de Fortaleza. No início da infância, passou por uma situação de extrema vulnerabilidade, mas após os 10 anos os pais se separaram e o pai passou a riar-lo com muito esforço pagou escola particular e garantiu uma alimentação de qualidade.	“Quando meus pais eram casados nós passamos por dificuldades realmente expressivas, ao ponto da minha mãe ser a dona da casa e meu pai só ter dinheiro para comprar o meu pão e da minha mãe durante o dia. Mas eu não lembro dessa época. Não acho que sofri por questões socioeconômicas durante a minha vida, mas sempre tive a noção de que deixávamos de fazer algo para que no final

			do mês sobrasse um dinheiro para a gente comer algo melhor (tipo uma pizza).”
	10M20CM	Mulher de 20 anos, moradora de uma cidade de Fortaleza. Os pais sempre tiveram emprego fixo e considera que a questão financeira da família foi de segurança. Mora a um quarteirão da favela. Sempre estudou em escola privada.	“Em relação à minha situação, sempre foi muito tranquilo, sabe, os meus pais sempre trabalharam e tiveram emprego fixo, então a questão financeira, assim, sempre foi de segurança.”
ONG 6	11H35EVS	Homem de 35 anos que viveu 11 anos dentro do tráfico de drogas ilícitas. Deixou de morar há pouco tempo na região central da favela, quando comprou uma casa ampla e confortável, a partir do trabalho na ONG. Hoje, possui duas filhas e, apesar das dificuldades, considera que vive uma vida bem mais tranquila.	“E aí o [líder da ONG] falava assim pra mim: “meu, cê tem que mudar de casa, cê tem que mudar de casa, cê tem que sair de lá, cê tem suas filhas agora e tal”. E eu falava: “não, aqui tá bom, pago minha água, minha luz, não devo nada pra ninguém, tô no que é meu próprio”. Só que aí depois me deu um start: “pô, dá pra viver melhor, dá pra viver bem”, aí fui procurar casa pra alugar. Saí de dentro da favela, aluguei a minha casa e fui pra rua. Então mudou totalmente a minha realidade, mas eu continuo dentro da favela.”
	12M31CM	Mulher de 31 anos, morou na periferia de São Paulo na casa da família. Considera-se privilegiada por ter sido criada por pais casados que tinham bons empregos. Há anos, realiza trabalhos voluntários em favelas e periferias de São Paulo. Hoje, considera que tem uma vida tranquila.	“Eu sempre morei na periferia de São Paulo, mas graças a Deus nunca passei fome.  [...] eu era privilegiada, por ser filha de pais ainda casados.”
ONG 7	13M29EVS	Mulher de 29 anos que morava na zona urbana até a adolescência, onde tinha acesso a escola pública relativamente boa e a demais equipamentos públicos. Por volta dos 10 anos, foi morar no sertão da Bahia em um assentamento, sem energia elétrica, água potável, e com uma alimentação precária, em que arroz e farinha eram considerados luxo, e tinha dificuldade para	“Na minha época, quando eu cheguei aqui no assentamento, a gente não tinha nem energia elétrica, e a gente não tinha água potável.”

	comprar material escolar e roupa. Na vida adulta, foi morar em Aracaju e fez técnico em enfermagem. Em 2016, retornou ao assentamento para fundar a ONG.	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Fonte: autoria própria (2022).

## 5. Breve reflexão sobre a categorização técnica da “pobreza” e do ódio ao pobre

Sobre os processos de categorização, compreendemos esse fenômeno da seguinte forma:

[...] todo ato de categorizar é um ato de designar, de atribuir sentido social a um fenômeno, objeto, ou sujeito por meio de uma expressão linguisticamente revestida e textualmente instanciada. [...] Quando diferentes atores sociais, sejam eles individuais ou coletivos, em suas mais diversas vivências, categorizam, isso diz muito sobre sua inserção na vida social (como eles a compreendem) e sobre a própria organização da vida social (como ela se lhes impõe) (Bentes; Rezende, 2017, p. 260-261).

As categorizações heterodialógicas, por sua vez, podem ser reconhecidas:

[...] quando determinadas expressões referenciais remetem a um locutor/enunciador diferente daquele que está enunciando, o produtor do texto, assinalando a voz do outro. De modo análogo, podemos falar em categorizações heterodialógicas como sendo aquelas que expressam a voz e a visão de mundo do outro e que são reportadas pelo falante/enunciador em seu discurso (Casimiro, 2020, p. 119).

A citação acima caminha no mesmo sentido das postulações de Jenkis (2000), apresentado por Casimiro (2020), que discute, em sua tese de doutorado, como as categorias sociais são permanentemente criadas e recriadas pelos agentes no curso das interações sociais, em uma

[...] complexa relação entre processos internos (autoidentificação) e processos externos (categorização dos outros), envolvendo três diferentes ordens: a ordem individual, que compreende o mundo incorporado pelos indivíduos e o que acontece em suas cabeças, a ordem interacional, que compreende o mundo da co-presença e relações entre indivíduos, e a ordem institucional, que compreende o mundo do “modo de fazer as coisas” padronizadas, organizadas e simbolicamente modeladas (Casimiro, 2020, p. 38).

De modo geral, as análises referentes ao tema de categorização abordam três dimensões: cognição, práticas sociais e língua (Casimiro, 2020). Quanto à primeira

dimensão citada, assumimos o recorte teórico vygotkiano de que “[...] não há possibilidades integrais de pensamento ou conteúdos cognitivos fora da linguagem nem possibilidades integrais de linguagem fora de processos interativos humanos” (Morato, 2000, p. 154, 2000).

Conforme um ponto de vista sociocognitivista, assumimos aqui que práticas sociais são não apenas textualmente revestidas, mas também “textualmente investidas” (Morato, 2017, p. 23) e integram o percurso da construção de identidades e, portanto, são fundamentais no processo de categorização, já que “[...] é no interior das interações e das práticas sociais que os recursos linguísticos e discursivos são manejados de forma a indiciar a negociação das identidades sociais e dos valores a elas associados” (Bucholtz; Hall, 2004 *apud* Bentes; Morato, 2021, p. 26).

Como apontam outros autores — por exemplo, Lorenza Mondada e Danièle Dubois (2003) —, o fenômeno da categorização toma corpo a partir de estratégias de referenciação justamente originadas da relação cognitiva entre o enunciador com o seu meio social. Dentro do campo da referenciação, podemos compreender o referente como produto de práticas sociais: “É na dimensão da percepção/cognição que se fabricam os referentes, os quais, embora destituídos de estudo linguístico, vão condicionar o evento semântico” (Koch, 2003, p. 78).

A representação da realidade promovida pelas estratégias de referenciação, com base no uso de expressões linguísticas em diferentes contextos de enunciação, faz com que, por exemplo, nesta pesquisa, o mesmo objeto — definição da pobreza — emergja a partir de diferentes categorizações, justamente por conta da visão de mundo e de onde falam os participantes. Portanto, compreendemos que boa parte da nossa experiência no mundo advém da nossa capacidade de reconhecer, nomear e relacionar, linguisticamente, conceitos que articulam elementos da nossa constituição social.

Como forma de ilustrar, recorreremos ao termo *aporofobia*, cunhado pela filósofa Adela Cortina (2020), para nomear o ódio, a repugnância ou hostilidade ante o pobre, o sem-recursos, o desamparado. Compreendemos que o ato de Cortina (2020) em nomear o ódio ao pobre e criar uma palavra para isso é, em si, um ato/uma prática de reflexividade — bem como de categorização, considerando que “uma boa parte da contenção e do enfrentamento da violência social, da qual a verbal é parte constitutiva, deve-se ao desenvolvimento de práticas reflexivas em torno de seus mecanismos de funcionamento e seus impactos de várias ordens” (Bentes; Morato, 2021, p. 22). Adams (2006) relaciona reflexividade e pobreza quando há “uma nítida falta de agência”.

## 6. Resultados: categorização da visão de pobreza das lideranças

Nas análises a seguir, destacamos como os entrevistados definem pobreza a partir de 7 categorizações e como eles descrevem que as pessoas que vivem nas favelas atendidas pela ONG definem pobreza a partir de 3 categorizações. Sintetizamos no Quadro 4 as categorizações mobilizadas pelas lideranças ao definirem o conceito de pobreza.

**Quadro 3** - Categorizações produzidas a partir da visão de pobreza das lideranças

	Categorizações produzidas a partir da visão de pobreza das lideranças						
Categorização	Não ter o que comer	Algo devastador e cruel	Estado de espírito e falta de visão	Falta de informação	Um projeto, algo estrutural	Falta de dignidade e direitos básicos	Níveis de pobreza
Entrevistado	12M31CM	06H29P 07H45EVS	01M30P 11H35EVS 05H43P	02M25CM 03M40EVS 08H23P	08H23P 13M29EVS	01M30P 08H23P 04H36EVS 10M20CM 09H22P	06H29P 08H23P 07H45EVS 05H43P

Fonte: autoria própria (2022).

### 6.1 Categorização da pobreza como *não ter o que comer*

A definição de pobreza foi sendo ampliada ao longo da história (Kageyama; Hoffman, 2006). O aspecto nutricional, contudo, ainda ocupa lugar central, inclusive nos índices mais multidimensionais. Por esse motivo, o aparecimento da categorização “pobreza é falta de dinheiro e comida” foi mais frequente no campo das categorizações heterodialógicas do que no campo das categorizações produzidas pelas próprias lideranças, já que, com exceção da 12M31CM, todas as outras construíram uma definição ligada a aspectos multidimensionais. Destacamos que 12M31CM pontua em sua autodescrição no Quadro 3 que não passou fome e que também não considera que viveu uma situação de pobreza durante a sua vida, mas sim de segurança e conforto. Já os demais entrevistados que apontaram uma situação de EVS e de fome não caracterizam a pobreza de tal forma, mas recorreram a categorias que dialogam com uma visão mais multidimensional do fenômeno, o que corrobora com a literatura.

### 6.2 Categorização da pobreza como *algo devastador e cruel*

#### Excerto 1

**06H29P:** Cara, é **algo devastador**. É **algo devastador** em muitos sentidos. [rindo] Nossa, Carol, vou conseguir sair disso aqui, não! É **algo devastador**.

O entrevistado 06H29P viveu em sua infância e adolescência uma situação de pobreza em contexto de favela. Retomemos a motivação de Cortina (2020) para criar o termo *aporofobia*: o fato de a rejeição ao pobre ser a mais extensa das aversões. A aporofobia muito se dá por meio de discursos de ódio que se constituem em “qualquer forma de expressão cuja finalidade seja propagar, incitar, promover ou justificar o ódio a determinados grupos sociais, a partir de uma posição de intolerância” (Cortina, 2020, p. 37). Os discursos de ódio não são, obviamente, exclusividade da aporofobia, mas sim o veículo linguístico pelo qual violências são estruturadas e alimentadas, processo no qual as pessoas para quem são destinadas o ódio se diluem num coletivo. Ou seja, o ódio à pessoa é originado no ódio contra um grupo: o dos negros (racismo), dos gays (homofobia), dos pobres (aporofobia). Destacamos que “[...] práticas discursivas empenhadas na ressignificação de estereótipos e de preconceitos precisam ser acompanhadas de práticas sociais que apontem mudanças substantivas nas formas de interação interpessoal e da vida em sociedade” (Bentes; Morato, 2021, p. 21). A aporofobia e o discurso de ódio tomam dimensão ainda mais robusta em situações extremas, como na pobreza, em que se vive o que muitos autores denominam como o caráter social do sofrimento (Renault, 2004) ou então sofrimento moral (Bourdieu, 2008). São as consequências materiais e subjetivas da violação sistêmica de direitos e da manutenção de estigmas.

Sawaia (2001) aborda os critérios que definem a fronteira entre emancipação e escravidão e aponta, apesar da diversidade de abordagens e teorias, um princípio regulador: a humanidade. Os corpos, que carregam as segregações políticas, sociais e culturais, são o fim e o meio pelo qual opera o sofrimento ético-político.

Perguntar sobre sofrimento e por felicidade no estudo da exclusão é superar a concepção de que a preocupação do pobre é a sobrevivência e que não tem justificativa trabalhar a emoção quando se passa fome. Epistemologicamente, significa colocar no centro das reflexões sobre exclusão, a idéia de humanidade e como temática o sujeito e a maneira como se relaciona com o social (família, trabalho, lazer e sociedade), de forma que, ao falar de exclusão, fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade, ao mesmo tempo que de poder, de economia e de direitos sociais (Sawaia, 2001, p. 98).

O entrevistado 07H45EVS, que viveu uma situação de extrema pobreza na infância, descreve como as condições materiais ultrapassaram esse âmbito e o fizeram “sentir na pele” o que Sawaia (2001) coloca como sofrimento ético-político:

### Excerto 2

**07H45EVS:** Eu cresci na favela da favela, eu morava num lugar em que o próprio favelado tinha preconceito, na onde eu morava. Então era o lugar que ninguém queria, era chamado de beco, então ali eu sentia na pele o preconceito, a discriminação, quando criança, ainda.

E eu cresci com um dos maiores traficantes do Rio de Janeiro. Ele não teve a oportunidade que eu tive com um casal de idosos que colocou uma mesa de pingue-pongue e refresco de caju, biscoito cream cracker, e a gente se reunia ali, com 11 anos de idade, e eu ia por causa do refresco de caju e o biscoito cream cracker. Então a **pobreza, ela é perversa**, essa é a minha visão pra pobreza, **perversa**.

### 6.3 Categorização da pobreza como *estado de espírito e falta de visão*

Estudos sobre os impactos psicológicos e cognitivos da pobreza têm ganhado espaço e contribuem para a não culpabilização das pessoas, mas sim para o reconhecimento dos impactos físicos e psíquicos da situação de pobreza naqueles que a vivem (Yazbek, 2012). Um dos principais efeitos do não pleno funcionamento cognitivo é a falta de visão de futuro: capacidade essencial para a quebra do ciclo da pobreza, pois o planejamento e a cognição direcionados a partir de objetivos (Spreng *et al.*, 2010) aumentam a probabilidade de implementar intenções e ações desejadas e melhoram a tomada de decisões (Peters; Büchel, 2010). A visão de futuro é, muitas vezes, cerceada pelo cenário de escassez extrema, como podemos observar no excerto 3.

#### Excerto 3

**01M30P:** Pessoas que se você pergunta pra ela assim, “qual o seu sonho?”, a pessoa—o **sonho dela é ter um prato de comida no final do dia**.

A partir do relato da sua experiência da superação da pobreza, 11H35EVS passa a categorizá-la como “pobreza mental” e “algo mais de espírito”, “de esperança, de luz”:

#### Excerto 4

**11H35EVS:** E quando a gente fala de pobreza é **uma pobreza mental**, é uma po—parece cultura, isso tá em—tá dentro deles... essa questão dessa pobreza de que “nós nascemos assim, nós vamo morrer assim”. E a gente precisa, como diz o Edu Lyra, “passar o antivírus” neles, nesse corpo... porque pra eles, eu...”o que tem tá bom... o que tá aqui tá bom”. Então quando se trata de pobreza, eu vejo que **é algo mais de espírito, mesmo, de esperança, de luz**. Tem que ter alguém lá que possa mostrar pra eles que há esperança.

### 6.4 Categorização da pobreza como *falta de informação*

#### Excerto 5

**02M25CM:** eu acho que o conceito de pobreza talvez seja um pouco mais... eu acho que talvez seja **a falta de conhecimento mesmo**. [...] eu tô saindo aqui do óbvio, que é **a pobreza enquanto falta de recurso**... mas **a falta de conhecimento mesmo, de se entender dentro da**

**sociedade**, entender o seu papel, o que a sociedade tá impondo ali... **a pobreza** nesse sentido talvez seja **o mais chocante dessas pessoas que não estão se vendo onde realmente estão**.

Consideramos a categorização “falta de informação” como correspondendo a falta de cidadania. Em contextos de pobreza, a cidadania está fortemente associada à seguridade social e a uma trama de garantia de direitos. Um dos principais é a oferta da educação formal e da construção de saberes/informações fortalecedores da cidadania e, portanto, de modelagem de práticas sociais. Essa concepção da educação como meio de superação da pobreza é articulada na categorização de 03M40EVS ao utilizar o termo “informação”.

#### Excerto 6

**03M40EVS:** eu acho que **falta de informação**, porque eu acho que se a gente tive–levasse informação pra todos... e eu vejo que o governo não quer também que chegue informação .. eu acho que ajudaria muito levar a informação... informação, que eu digo, geral, desde a mulher... de ensinar ela como se cuidar... como cuidar das crianças.. então desde–quanto ao homem, o marido, informação de que ele pode trabalhar. Então acho que a pobreza tá muito na desinformação ...é muito o que eu vejo.

#### 6.5 Categorização da pobreza como *um projeto, algo estrutural*

A mudança no eixo da compreensão da pobreza como algo estritamente ligado à sobrevivência para uma definição que também considera aspectos como acesso a serviços públicos e privados está ligada ao fato de a pobreza, cada vez mais, ser compreendida como uma questão social e, em grande parte, estrutural. Segundo o economista Amartya Sen (1999), as privações de capacidades de pessoas em situação de pobreza ancoram-se na ausência de oportunidades sociais, políticas e econômicas. Nesse sentido, o que poderia ser considerado como competência individual é tido por muitos autores como o resultado do que está disposto por um sistema (Fahel; Telles, 2018). A entrevistada 02M25CM articula justamente essa relação entre competência individual e sistema:

#### Excerto 7

**02M25CM:** No sentido de não perceberem que elas tão passando por injustiças, por acharem que elas são destinadas a isso. Assim "não, esse é o meu lugar aqui", mas não entender que não é sobre ela e, sim, **todo um coletivo** que tá errado.

A compreensão da pobreza enquanto projeto parece-nos encaminhar duas perspectivas de futuro: a de superação, como apontada por 13M29EVS, e a de permanência, diante da força de controle e poder das classes dominantes, como apontada por 08H23P.

### Excerto 8

**13M29EVS:** Pobreza aqui no sertão é **um projeto...** foi projetado pra que aconteça. Essa é a verdade. Mas é **um projeto que a gente precisa quebrar esse sistema que foi feito para que as pessoas fiquem à mercê.** [...] quando a gente chega com um projeto inovador como esse, que a gente fala "olha, a gente tem essas oficinas", a primeira pergunta é "minha filha, e é pago? é quanto? eu não tenho dinheiro pra pagar isso porque eu preciso tanto, é tão bonito, eu quero aprender a escrever meu nome, mas se for pago, eu não posso".

### Excerto 9

**08H23P:** [...] tem algo muito além do que a gente tá, é uma máquina, eu consigo enxergar isso, tem muita coisa envolvida. Porque eu falo que, pra mim, a fome nunca vai acabar. E eu não falo a fome do Brasil, mas a fome do mundo em si nunca vai acabar, porque eu acho que **existe forças maiores interessadas na fome, sabe.** A pobreza é **interessante pra uma certa classe,** porque a pobreza vende, a pobreza gera riqueza, então pra mim é muito interesse. [...] Porque se fosse dinheiro, tinha solução.

## 6.6 Categorização da pobreza como *falta de dignidade e direitos básicos*

### Excerto 10

**04H36EVS:** Pobreza pra mim [...] é **uma pessoa que foi--roubada o direito dela.** [...] é **aquela pessoa que ela é impedida ou foi impedida de ter minimamente aquilo que era de direito.** [...] Pobreza, pra mim, é **a pessoa não ter o direito, minimamente, de viver uma vida digna,** --- ter uma-- alguma-- morar num lugar que tem essa dignidade, que tem esse desenvolvimento. Então pobreza é isso, quando é arrancado, quando é tirado isso de você, isso é pobreza.

O primeiro elemento mobilizado por 04H36EVS para descrever o conceito de pobreza é o da moradia enquanto elemento que hospeda a dignidade. O que está intimamente ligado ao seu perfil, já que ele e sua família moraram por muitos anos “de favor” na casa de outras pessoas, diante da impossibilidade de pagar aluguel. Além disso, esse processo de categorização reflete o percurso de ampliação dos mecanismos de avaliação da pobreza e vulnerabilidade, quando passaram a incorporar fortemente aspectos ligados à moradia e ao urbanismo.

Nesse sentido, para muitos pesquisadores, as privações de padrões dignos de moradia e urbanismo estão diretamente relacionadas aos altos níveis de pobreza, em especial, às questões de saúde e geração de renda. Podemos considerar a moradia como nosso abrigo psicológico e, nos tempos atuais, um determinante que reflete o quanto estamos incluídos ou excluídos de um composto maior de direitos e acessos. Na passagem a seguir, 09H22P, ao discorrer sobre um conjunto de famílias que viviam em moradias -

mesmo que precárias - engloba no que considera “direitos básicos” à alimentação, educação, saúde e renda.

#### Excerto 11

09H22P: Acho que a pobreza é **falta de base, falta de um alicerce, falta de estrutura... é falta do básico, pobreza é isso**, como a gente falou sobre-- naquela pergunta que você-- que é sobre o que impactou a gente, né, foi o básico, cara. É sobre não se ter comida, sabe, um arroz e feijão, sem você ter educação. Depois, o que a gente percebeu é que, da comunidade, a maioria das pessoas não tem-- Ensino Fundamental completo. Cê não tem saúde, não tem alimentação, não tem um dinheiro pra com-- pra pagar conta.

### 6.7 Categorização da pobreza por níveis

#### Excerto 12

08H23P: (...) até ontem fui dormir pensando sobre isso, acho que acho que pobreza tem seus níveis, eu consigo definir pobreza na sua--- porque assim, não dá pra falar pobreza na sua totalidade, acho que uma coisa vai levando a outra, acho que tem **níveis de pobreza** onde cada indivíduo vai se--- vai entrando, eu acredito muito nisso.

A mudança da compreensão da pobreza enquanto fenômeno multidimensional é relativamente recente e, apesar da ampliação do debate, esse reconhecimento ainda representa um posicionamento “contra-hegemônico e inovador” (Fahel; Telles, 2018, p. 388). A categorização de 08H23P ilustra bem a visão da pobreza como um fenômeno formado por vários ou pelo menos alguns níveis. A liderança destaca ainda que “acho que uma coisa vai levando a outra”, o que podemos considerar como uma relação causal entre fatores, como, por exemplo, a relação entre a falta de saneamento básico e altas taxas de diarreia infantil. No caso do entrevistado, a família viveu um agravamento da situação de vulnerabilidade quando a mãe passou a ser paraplégica.

06H29P constrói uma categorização da pobreza ao descrever dois níveis, o econômico-social e o humanístico, por meio de uma explicação que aparece como pano de fundo quando o entrevistado se autodescreve e reconhece a sua saída da pobreza a partir de um processo mental que o possibilitou criar ferramentas concretas de mudança do seu contexto econômico-social.

#### Excerto 13

06H29P: [...] Só que tem gente que vive **uma pobreza econômica-social**, e tem gente que vive **uma pobreza humanística**.

**Entrevistadora:** Quais seriam as diferenças?

**06H29P:** A humanística é muito interna, a pessoa internaliza aquilo ou não; "pô, não é porque eu nasci num lugar-- nasci também num lugar pobre, dentro de uma favela--" mas aquilo ali em algum momento da minha vida eu falei, "pô, eu não tenho que morrer nisso aqui". Eu tenho direito e posso também buscar outras possibilidades. Assim como eu respeito também quem tem uma percepção contrária a essa minha particular. E isso impacta no econômico-social, né, porque acho que a partir do momento que você entende que existe uma pobreza-- mesmo que cê more numa favela mas você tenha **dignidade**, você muda **o cenário social, seu e dos seus, da sua família**, e conseqüentemente você ganha **resiliência** também pra poder buscar uma melhora econômica pra sua vida, né.

## 7. Resultados: categorização da visão das lideranças sobre como as pessoas que vivem na favela atendida pela ONG definem pobreza

Nesta seção, analisamos as respostas à pergunta “Como você acha que as pessoas que vivem na sua favela definem pobreza?”. No Quadro 5 abaixo, identificamos as categorizações heterodialógicas.

**Quadro 4 -** Categorizações das lideranças sobre pobreza a partir da percepção das pessoas que vivem na favela atendida pela ONG na qual atuam

	Categorizações das lideranças sobre pobreza a partir da percepção das pessoas que vivem na favela atendida pela ONG na qual atuam		
Categorizações	Falta de dinheiro e comida	Não percepção da sua condição de pobreza <sup>2</sup>	Algo normal
Entrevistados	02M25CM 08H23P 12M31CM 10M20CM 09H22P	03M40EVS 13M29EVS 04H36EVS 07H45EVS	01M30P 06H29P 13M29EVS 11H35EVS 07H45EVS 05H43P

Fonte: autoria própria (2022).

### 7.1 Categorização da pobreza como *falta de dinheiro e comida*

Apesar da ampliação do consenso em torno da concepção multidimensional de pobreza, a geração de renda e o poder de compra ainda são considerados um dos principais medidores, o que revela uma das mais cruéis faces da pobreza: a falta de poder de escolha. Identificamos a relação entre renda, acesso a bens e pobreza nas categorizações heterodialógicas a seguir:

<sup>2</sup> Categorização implícita nos dados, não está presente tal como formulamos no discurso dos entrevistados.

#### Excerto 14

**02M25CM:** Acho que **elas definiriam como não ter acesso às coisas, uma falta de acesso a itens de luxo**. O que eu sinto muito é que tá mais ligado não poder comprar coisas, não ter acesso a só o básico.

Nesse trecho, o luxo, para esse contexto de pobreza, parece ser qualquer coisa além do básico, mesmo que mínima, o que aponta para uma concepção de que a desigualdade social é grande. Essa questão fica ainda mais destacada no Excerto 15, quando a liderança relata a fala de uma moradora que estabelece como padrão feliz/ótimo de vida o fato de comer todos os dias - padrão que ela não atingiu, diante do contexto de pobreza.

#### Excerto 15

**12M31CM:** Pelo diagnóstico que a gente fez lá-- eu digo isso por ter ouvido isso das pessoas, porque a gente tinha essa questão das escalas, né, a escala "de 1 a 10, quanto você se sente feliz?", e **as pessoas falavam assim: "eu só não me sinto mais feliz porque eu não tenho o que comer todos os dias, se eu tivesse o que comer todos os dias, pra mim já tava ótimo"**.

Nessa categorização heterodialógica "Eles acham que pobreza é falta de dinheiro e comida", as lideranças estabelecem uma relação muito próxima entre os dois últimos termos. De fato, pesquisas apontam que "Para a fome sumir, é preciso ter renda" (Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar, 2022, n. p.).

### 7.2 Categorização da pobreza como *não ter percepção da sua condição de pobreza*

#### Excerto 16

**07H45EVS:** **Elas não conseguem enxergar a pobreza**. Se ela não consegue enxergar a pobreza, ela não tem definição da pobreza, elas tão dentro de um ciclo que as cega, de maneira que elas não conseguem ver como elas estão. [...] Então ela não tem como definir a pobreza porque ela não consegue enxergar, ela fica cega, a pobreza cega.

#### Excerto 17

**04H36EVS:** Eu falo porque também eu vim muito novo pra cá, com 10 anos de idade, eu sou do Piauí. Por isso ser tirado deles, e eu também fiz parte disso, o ambiente que eles vivem, esse mundo que eles vivem, **eles não-- começam a não ter parâmetro**, então pobreza pra eles é igual eu dei o exemplo daquela mulher, que **ela tem uma casa, então ela não se acha pobre**, porque tá muito baseado no parâmetro ao seu redor. Então pobreza pra ela é a pessoa não ter onde morar e talvez não ter o que comer, mesmo que ela tá comendo ali

simplesmente o arroz com ovo, ela acha que ela n-- pra ela isso já tá bom. E na verdade ela poderia-- precisa ter minimamente três refeições por dia, mas não tem.

Nos excertos acima, temos no processo de categorização heterodialógica a ideia de referência e de parâmetro, “aquilo ali é comum” “eles não-- começam a não ter parâmetro”. O referencial de dignidade é articulado na categorização de 04H36EVS, quando destaca que “Pra ela isso já tá bom”.

### 7.3 Categorização da pobreza como *algo normal*

. Compreendemos que o reconhecimento da pobreza como algo normal ou natural por quem vive essa situação está ancorado, principalmente, em dois fenômenos: a pobreza intergeracional e a conectividade econômica. Sobre o primeiro, temos como exemplo o excerto 19:

#### Excerto 19

**06H29P:** Cara, eu acho que **as pessoas definem como um produto de ordem natural na vida delas**, em grande maioria, que nasceram pobres e devem ou po-- ou podem ao longo da vida continuar dentro da pobreza.

O “nascer pobre” está altamente relacionado com a pobreza intergeracional - muito destacada pelos participantes em suas autodescrições, ao trazer o contexto familiar, principalmente dos pais, para explicar as categorias EVS e P. Estudos apontam que ser uma criança pobre aumenta as chances de viver em uma situação de vulnerabilidade na vida adulta. Sobre a continuidade da pobreza de uma geração para a outra, destacamos que ela, a pobreza:

[...] não é transferida como um "pacote", mas como um conjunto complexo de fatores positivos e negativos que afeta as chances de um indivíduo experimentar a pobreza, tanto no presente quanto num ponto futuro do curso da sua vida. Os fatores que influenciam a probabilidade de um indivíduo ser pobre incluem tanto a transmissão "privada" (ou falta de transmissão) de capital e a transferência "pública" (ou falta de transferência) de recursos de uma geração para a seguinte. (Bird, 2007, p. 5, tradução nossa).

Um estudo recente (Lichand; Perpétuo; Soares, 2022) aponta que os brasileiros de menor renda ganham menos no mercado de trabalho até quando conseguem estudar mais. Mesmo diante de políticas públicas e do esforço individual, o reconhecimento social – por meio da remuneração pelo trabalho – ainda é desigual e discriminatório. A baixa probabilidade de sucesso pode ser lida, portanto, da perspectiva posta do outro lado: a normalização da violência estrutural, como é possível observar no excerto 21:

## Excerto 21

**05H43P:** É, eles sabem que tem a situação, que vivem na situação de pobreza, mas pra eles é normal. Eles não se veem num meio, não veem o quanto eles tão vulnerável. Muitos já cresceram na comunidade. A gente percebe mais isso em quem cresceu. Quem é mais velho, que foi parar ali na comunidade de uma forma brusca porque perdeu o emprego, ou porque é uma situação da vida, ela foi para naquele meio, a gente percebe um pouco mais, assim, de querer sair dali, de querer tentar algo mais, ter uma oportunidade de sair.

Outro estudo recente (Chetty; Jackson; Kuchler *et al.*, 2022) analisou 21 bilhões de dados do *Facebook* para pesquisar o capital social nos Estados Unidos e descobriu que acima de outras variáveis, a intensidade da ligação entre ricos e pobres explica por que as crianças de um bairro possuem melhores indicadores socioeconômicos na vida adulta. Esse grau de ligação foi denominado como conectividade econômica. Na fala do 05H43P, há a descrição da diferença entre o perfil de morador que cresceu e sempre esteve na favela para aqueles que vivenciaram outros contextos, inclusive econômicos e de relação de trabalho, e por isso vislumbram “querer tentar algo mais” — conforme diz 05H43P — aspecto também destacado na sua autodescrição, quando diz que a saída da favela foi um divisor de águas para a superação da pobreza.

## 8. Considerações finais

A partir da pesquisa relatada neste artigo, entende-se que não houve diferença significativa nos processos de categorização da pobreza entre os grupos de entrevistados que viveram (EVS e P) e daqueles que não viveram uma situação de pobreza (CM). Nossa hipótese é a de que essa não diferença aconteceu porque quem não vivenciou a pobreza ou mesmo a extrema vulnerabilidade social se envolveu desde cedo com movimentos sociais de enfrentamento à pobreza.

As lideranças elaboraram categorizações que articulam o conceito de pobreza a uma perspectiva mais multidimensional. Esse aspecto se destaca, inclusive, numericamente, já que, como vimos na seção de análises, foi possível identificar 07 categorizações sobre pobreza, enquanto que foi possível identificar apenas 03 em relação à categorização das lideranças sobre as definições de quem vive a situação. Portanto, a partir dos dados, parece-nos que a visão de quem sai da pobreza se modifica em relação àquelas pessoas que continuam vivendo essa situação.

Houve uma diferença significativa no processo de categorização das lideranças sobre pobreza a partir da percepção das pessoas que vivem na favela atendida pelas ONGs nas quais atuam (categorização heterodialógica). Todas as pessoas que não viveram uma situação de pobreza (classe média), utilizaram a categoria “falta de dinheiro e comida”. Nesse sentido, identificamos a relação entre identidade e categorização: quem viveu uma

situação de pobreza vê de forma mais ampla/complexa a maneira como as pessoas que ainda se encontram nessa situação a definem. Já a definição com base na existência da fome é determinante na visão das pessoas de classe média.

Por fim, reiteramos a posição dessa pesquisa de que o fenômeno da pobreza é apenas parte do que se constitui a vida e as pessoas nas favelas. Os territórios estudados são fonte profunda de resiliência e inteligência de gente interessada e interessante.

## Referências

ADAMS, Matthew. Hybridizing Habitus and Reflexivity: Towards an Understanding of Contemporary Identity? *Sociology*, v. 40, n. 3, p. 511-528, 2006.

BENTES, Anna C.; MORATO, Edwiges. Expressões de violência verbal e reflexividade face ao modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de Covid-19. *Calidoscópio*, v. 19, n. 1, p. 18-31, 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/22791>. Acesso em: 09 mar 2024.

BENTES, Anna. C.; REZENDE, Renato. Linguística Textual e Sociolinguística. In: SOUZA, Edson Rosa Francisco; PENHABEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério. *Linguística Textual: interfaces e delimitações*. São Paulo: Cortez Editora, 2017. p. 258-301.

BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CASIMIRO, Sérgio. *Somos uma unidade de estudantes por uma só causa: processos de categorização social e elaboração de identidades em entrevistas com estudantes secundaristas da escola Carlos Gomes, em Campinas, São Paulo*. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2020. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/teses/2021/01/12/somos-uma-unidade-de-estudantes-por-uma-so-causa-processos-de-categorizacao-social>. Acesso em: 09 mar 2024.

COUPLAND, Nikolas. *Style: language variation and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

CHETTY, Ray; JACKSON, Matthew; KUCHLER, Theresa *et al.* Social capital I: measurement and associations with economic mobility. *Nature*, v. 608, 108-121, 2022. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41586-022-04996-4>. Acesso em: 09 mar 2024.

CORTINA, Adela. *Aporofobia: a aversão ao pobre, um desafio para a democracia*. Tradução de Daniel Febre. São Paulo: Contracorrente, 2020.

FAHEL, Murilo; TELES, Letícia R. Medindo a pobreza multidimensional do estado de Minas Gerais, Brasil: olhando para além da renda. *Revista de Administração Pública*, v. 52, n. 3, p. 386-416, 2018.

KAGEYAMA, Angela; HOFFMANN, Rodolfo. Pobreza no Brasil: uma perspectiva multidimensional. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 15, n. 79-112, jan./jun. 2006.

KOCH, Ingedore G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LICHAND, Guilherme; PERPÉTUO, Maria; SOARES, Priscila. *An education inequity index*. [S. l.], out. 2022. Disponível em: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=4250539](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=4250539). Acesso em: 09 mar. 2024.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernardete. B.; CIULLA, Alena. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

MORATO, Edwiges. Vigotski e a perspectiva enunciativa da relação entre linguagem, cognição e mundo social. *Educação e Sociedade*, ano 21, n. 71, p. 149-165, jul. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mWqtNJbCSKFB4GyykVYc58z/?format=pdf>. Acesso em: 09 mar 2024.

MORATO, Edwiges. Linguística textual e cognição. In: SOUZA, Edson. R.; PENHABEL, Eduardo; CINTRA, Rogério M. *Linguística Textual: interfaces e delimitações*. São Paulo: Cortez, 2017. v. 1, p. 394-430.

NARAYAN, Deep. *Can anyone hear us?: voices of the poor*. New York: Oxford University Press, 1999.

PETERS, Jan; BÜCHEL, Christian. Episodic future thinking reduces reward delay discounting through an enhancement of prefrontal-medioprefrontal interactions. *Neuron*, v. 66, n. 1, p. 138-148, 2010. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20399735/>. Acesso em: 09 mar 2024.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR. *II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil*. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2022.

REGO, Walquiria; PINZANI, Alessandro. *Vozes do Bolsa Família: autonomia, dinheiro e cidadania*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

RENAULT, Emmanuel. *L'expérience de l'injustice*. Paris: La Découverte, 2004.

SAWAIA, Bader. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, Bader (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. p. 97-118.

SEN, Amarta. *Development as freedom*. New York: Anchor Books, 1999.

SPRENG, Nathan; STEVENS, Dale; CHAMBERLAIN, Jon; GILMORE, Adrian; SCHACTER, Daniel. Default network activity, coupled with the frontoparietal control network, supports goal-directed cognition. *NeuroImage*, v. 53, n. 1, 303-317, 2010. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20600998/#full-view-affiliation-1>. Acesso em: 09 mar. 2024.

WILLEMS, Sara; SWINNENS, Wilfried; MAESENEER, Jan. The GP's perception of poverty: a qualitative study. *Family practice*, v. 22, n. 2, p. 177-183. 2005. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15710642/>. Acesso em: 09 mar 2024.

YAZBEK, Maria Carmelita. Pobreza no Brasil contemporâneo e formas de seu enfrentamento. *Serviço Social e Sociedade.*, São Paulo, n. 110, p. 288-322, abr./jun. 2012. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/262616836\\_Poverty\\_in\\_Brazil\\_in\\_the\\_contemporary\\_time\\_and\\_ways\\_to\\_confront\\_it](https://www.researchgate.net/publication/262616836_Poverty_in_Brazil_in_the_contemporary_time_and_ways_to_confront_it). Acesso em: 09 mar. 2024.

Recebido em 24 de abril de 2023  
Aceito em 16 de novembro de 2023